

O queijo do reino

Marcos Cordeiro de Andrade

Caros Colegas,

Nas festas de fim de ano da minha infância não faltava o tradicional queijo do reino. Embora amargando a pobreza de filhos de assalariados em tempos de pós-segunda guerra, meus irmãos e nossos primos sempre estiveram próximos em todas as horas. Num Natal que hoje recordo, morávamos na Rua Cruz Cordeiro em singelas casas que se defrontavam numa larga rua de barro. Tão pequenas que não havia camas, pois o luxo para o pernoite eram redes, com gamelas de madeira embaixo para atender aos mijões. Ao todo onze crianças. Seis do meu lado e cinco do lado de lá. Éramos primos carnais, pois gerados da união de dois casais de irmãos trocados, nascidos em Itabaiana, na Paraíba. Dona Olívia e seu Bastos eram os meus pais. Dona Guiomar e seu Oscar, os meus tios.

O meu pai era balconista de casa de tecidos, os Armazéns do Norte, onde trabalhou por vinte e quatro anos para criar os seis filhos. Ganhava tão pouco que a cada gravidez da minha mãe éramos forçados à mudança para casa de aluguel mais barato, e mais longe. Por isso, quando nasceu o caçula já estávamos duas cidades além da Capital. E para frequentar a escola pública amucegávamos carroças a guisa de condução.

O meu tio, da casa em frente, irmão da minha mãe, era cobrador de bondes, funcionário público de baixa categoria, portanto. Também pouco aquinhoado em questão de salário.

Todo mês de dezembro esquecíamos a ausência de dinheiro e curtíamos nossas festas de Natal e Ano Novo. Recebidas as “natalinas”, nossos pais iam às compras. Com retalhos dos tabuleiros promocionais, minha mãe varava noites para costurar nossas roupas novas, sempre iguais: calças curtas de brim e camisas de algodão, sem bolsos, para os “homens”. E vestidinhos de chita para as damas, que eram cinco – duas do meu lado e três do outro lado da rua. As idades, em escadinha, iam dos quatro aos onze ou doze anos.

Os sapatos, também de tabuleiros, eram de solado de pneu para os marmanjos e sandálias anabelas para elas. Como eu e o irmão do meio calçávamos o mesmo número, diziam, por vezes ganhávamos apenas um par de sapatos para os dois - e eram reservados para ir à escola. Sempre que os nossos horários coincidiam lançávamos mão de um engenhoso artifício: amarrávamos uma tira de pano no dedão e o empapávamos de mercurocromo para justificar o pé descalço, com o machucado aparente.

Não havia troca de presentes. Porque presentes não havia. Mas tínhamos nossa Ceia de Natal e a Ceia de Ano Novo, depois da missa do Galo. A comida era especial, como pedia a tradição e o bolso permitia. Mingau de mandioca, tapioca com coco e bolo pé de moleque, mungunzá e duas ou três gasosas quentes para dividir com todos, pois vinho e gelo eram luxos que não conhecíamos.

Para dar o ar solene aos “banquetes”, meu pai e o meu tio compravam um queijo do reino de parceria. E o dividiam em quatro partes para ser degustado nas duas ceias. E as mães, a minha

e a dos primos, mostravam o que tinham aprendido na criação de filhos com pouco ou quase nenhum dinheiro. Fatias finíssimas do raro queijo eram distribuídas como hóstias dadas na missa. Aquilo para nós era verdadeiramente o corpo de Cristo representando nossa fartura.

E éramos felizes em nossa pobreza. Tanto é que naquele convívio aprendemos a nos amar e amar ao próximo pela vida afora. E hoje, quando não mais existem pais e tios, e os poucos irmãos estão dispersos, nos surpreendemos como Deus foi generoso ao nos dar tanta fartura de amor e bondade em nossa infância.

De lamentar apenas que já não preciso comprar o queijo do reino em parceria. Também, para que se minha família se resume a três pessoas? Pai, mãe e filho, mas ungidos pela fé Divina que nos une mais e mais a cada Natal e Ano Novo que festejamos.

Feliz Natal a todos.

Marcos Cordeiro de Andrade – Curitiba (PR), 07 de dezembro de 2012.